



ALGUMAS QUESTÕES PASTORAIS A PARTIR DAS NOVAS DIRETRIZES DA CNBB: SAIR DO LUGAR ESTREITO

(Some pastoral issues, from the new guidelines of the CNBB: leave the narrow place)

Me. João da Silva Mendonça Filho*

Mestre em educação pela UNISAL-ROMA.

E-mail: pe.mendonca@hotmail.com

RESUMO

O autor nos apresenta um quadro de reflexões pastorais a partir das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil. Trata-se de uma auto-avaliação propositiva, pois resgata o valor de inserir nossa ação na complexa realidade juvenil, na atitude missionária e na vivência comunitária de uma Igreja que está sempre em formação desde a saída das estreitezias que a vida nos impõe. É preciso marchar sem medo da grandiosidade dos desafios, sem perder o foco no anúncio da Palavra que salva e agir sinergicamente na riqueza das diferenças.

Palavras-chave: Diretrizes. Juventudes. Comunidade.

ABSTRACT

The author presents a framework for reflections from the pastoral guidelines of the evangelizing Church of Brazil. It is a self-assessment purpose, for rescues the value of our action to enter the complex reality of youth in the missionary attitude and community life of a Church that is always in training since the departure of the straits that life imposes. We must march without fear the challenges of grandeur without losing focus on the proclamation of the Word that saves and act synergistically in the wealth of differences.

Keywords: Guidelines. Youths. Community.

INTRODUÇÃO

Sair do lugar estreito é uma expressão muito feliz usada pelo rabino Nilton Bonder.¹ O lugar estreito é a realidade humana que nos condiciona na mediocridade, no cinismo, na hipocrisia na falta de criatividade que, muitas vezes, torna pesado o cotidiano.

Na primeira parte do artigo busco, nas Diretrizes da CNBB,² as energias para sair da estreiteza de uma pastoral juvenil ainda tímida, com a qual perdemos a passos largos as juventudes.

Não é segredo para ninguém que estamos perdendo os jovens porque não conseguimos superar o lugar estreito de uma pastoral juvenil que ficou acampada em décadas passadas e não conseguiu evoluir ao ritmo das profundas mudanças da sociedade contemporânea.³



Então, precisamos sair da estreiteza e avançar para o grande mar juvenil com todos os riscos que aí se esconde, inclusive com a possibilidade do fracasso.

A segunda parte do artigo nasceu do eixo fundamental de *Aparecida* e das *Diretrizes*: o empenho da missionariedade. É urgente sair pelo mundo numa missão que não leve consigo respostas prontas, mas a capacidade de escutar as perguntas de base das pessoas, sobretudo dos jovens. Neste sentido, as *Diretrizes* apresentam um breve aceno às questões juvenis, mas podem ser positivamente valorizadas. Os compromissos com a missão são muitos e exigem criatividade, determinação e testemunho.

A terceira parte do artigo é uma reflexão que nasceu da necessidade de preparar um dia de intensa formação, para agentes da Igreja de Manaus para o conhecimento e concretização da 8ª Assembléia Pastoral Arquidiocesana. O texto procura resgatar o valor da comunidade na atual conjuntura com o compromisso de sair da estreiteza. A grande questão é: o que significa ser comunidade cristã hoje? A partir desta pergunta fomos preenchendo nossas buscas e incertezas na certeza de que um modelo perfeito e acabado de comunidade não existe, mas é possível colocar-se em marcha rumo à outra margem onde o Ressuscitado está com a fogueira acesa, o pão e o peixe assando e nos diz: *Filhos, tendes alguma coisa para comer?* (Jo 21,5).

1. REFLEXÕES SOBRE AS NOVAS DIRETRIZES GERAIS DA CNBB E A PASTORAL JUVENIL

Ação pastoral é *anunciar por palavras e ações, Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida.*⁴ Não é, a princípio, um conjunto de objetivos, estratégias e planos para se chegar a uma meta; aliás, o planejamento estratégico será sempre um instrumento, mas se faltar o impulso missionário, certamente todo o projeto cairá no meio do caminho, entre as pedras e espinhos e não dará frutos.

Quando o tema é a ação evangelizadora direcionada aos jovens, então, a realidade fica ainda mais complexa. É urgente, portanto, sair *do medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente tudo procede com normalidade, mas, na verdade, a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez.*⁵ De fato, a mudança de época⁶ que sacode nossa história não nos permite mais viver na mediocridade, às vezes, com ótimas idéias, mas com praticas velhas. Precisamos evoluir para ações de maior eficácia e impacto no mundo juvenil. Desconheço as fórmulas mágicas, entretanto, procuro orientar-me por contextos que mudam e exigem mentalidades mais abertas para *promover uma sociedade que respeite as diferenças, combatendo o preconceito e a discriminação nas mais diversas esferas, efetivando a convivência pacífica das varias etnias, culturas e expressões religiosas, o respeito das legítimas diferenças.*⁷

O mundo juvenil contemporâneo é complexo. As comunidades juvenis temporárias, nas quais os jovens buscam identificação, são numerosas e diferenciadas. Não cabe neste



contexto plural uma ação evangelizadora preconceituosa e limitada pelo medo das diferenças. Precisamos *colocar os pés no chão*.⁸ Isto, com certeza, não será fácil para nenhum discípulo missionário de hoje, pois, somos herdeiros de uma mentalidade pudica demais, na qual, muitas vezes moral e justiça, ética e verdade, nem sempre caminham juntas. Quando falamos de diferenças no contexto juvenil é preciso entender que hoje isto perpassa, sobretudo as condições sexuais; neste aspecto ainda estamos no início da reflexão porque entre a questão de gênero (homem e mulher) e as variedades sexuais entre os jovens, inclusive a precocidade da iniciação à vida sexual, somos surpreendidos a cada instante.

Nas novas *Diretrizes*, encontrei dois números que mencionam os jovens. No parágrafo 81, os bispos dizem *que os jovens merecem atenção especial*. É um pedido importante, mas talvez, um pouco tarde ou repetitivo, porque estamos perdendo os jovens há algumas décadas. Os grandes movimentos de massa nem sempre são o retrato real da eficaz ação evangelizadora, com os jovens. Entretanto, nunca é tarde para repensar as práticas e rever os conceitos. Contudo, não podemos fazer isto sem a participação dos jovens na sua diversidade. Pensar uma pastoral para os jovens, a partir de nós, será uma resposta feita para perguntas que não existem ou, certamente, não são importantes para eles. Certa vez li em um muro na cidade de Roma a seguinte provocação: alguém escreveu: *Jesus Cristo é a resposta!* E outra pessoa, talvez um jovem grafiteiro, acrescentou em baixo: *E qual é a pergunta?* Trago este exemplo para dizer que às vezes vamos com as respostas, com o prato feito. Mas será que são estas as interrogações de fundo das diferenças juvenil? Outro número, nas novas *Diretrizes*, que fala de adolescentes e jovens é o n. 109. Novamente, os bispos nos lembram que eles são a parte mais importante da população, portanto necessitam da nossa atenção. Pedem, inclusive, uma pastoral *infanto-juvenil*. De fato, os adolescentes estão perdidos nesta grande massa e temos poucas ações voltadas para eles. As mídias já passaram na nossa frente há décadas, com propostas ousadas que mexem na necessidade de comunicar. Ainda não chegamos aí, porque nossa interação com as mídias juvenis são tímidas ou quase inexistentes.

Então, diante das provocações expostas, compreendo que os agentes juvenis precisam assumir as *Urgências* apontadas pelas *Diretrizes*, para começar um novo diálogo com esta complexidade juvenil. Portanto, faz-se urgente pensar: uma pastoral juvenil em *estado permanente de missão; que iniciem, na fé cristã, os jovens; que animem as questões existenciais dos jovens com a Bíblia; que seja uma rede juvenil de comunidades; que esteja a serviço da vida*. O desafio não é pequeno. O que podemos dizer de cada urgência desta em vista da pastoral juvenil?

1) *Estado permanente de missão*: Uma significativa parcela dos jovens sonha e já realizam ações que comprometem a vida na mudança da própria realidade local, tais como o voluntariado, a defesa da natureza, o interesse por aqueles que vivem em situação de risco, o despertar da música, do teatro, do esporte. É uma juventude que não enfrenta as forças policiais nas ruas, mas age nos porões das diferenças, das injustiças e das mortes, para gerar



dignidade. Este estado de missão permanente precisa ser descoberto por nós e potencializado porque é um caminho para o encontro com Jesus Cristo a partir da vida, que desperta *amor, gratuidade, alteridade, unidade, eclesialidade, fidelidade, perdão e reconciliação*.⁹

2) *Ser casa que inicie os jovens na fé cristã.* A pastoral juvenil precisa ser este lugar da iniciação, das passagens, dos ritos, dos símbolos e dos gestos que levam à descoberta e ao valor da fé na vida e não como adesão a uma ideia.¹⁰ Infelizmente ainda insistimos muito na adesão a dogmas, doutrinas pesadas e rigorosas com seus valores imutáveis, não que estas coisas não sejam importantes, mas não cabem numa mentalidade mais ligada à liberdade de expressão e dominada pelo relativismo.¹¹ A iniciação, portanto, é um instrumento que ajuda a recuperar desejos e suscita necessidades. Uma verdadeira mistagogia.

3) *Animar as questões existenciais dos jovens com a Bíblia.* Quando os jovens começarem a entender a Bíblia como um livro que revela experiências de profundo sentido entre o totalmente Outro e o ser humano, nas diversas fases da humanidade e da vida, ai eles irão gostar de saborear a Sabedoria que está na Bíblia. No momento, em que os jovens perceberem que a Bíblia não é uma Palavra do passado, mas que ecoa, ainda hoje, no terreno de nossas vidas, como aquela semente que cai e fecunda. Então, eles iluminarão suas ações com gestos de gratidão diante da gratuidade de Deus.

4) *Ser uma rede juvenil de comunidades.* A pastoral das juventudes brota dos jovens, ou melhor, das diferenças que existem entre os jovens. Forma, assim, uma rede na complexidade dos desejos e das necessidades juvenis que não podem ser exauridos, quer dizer, os desejos precisam ser trabalhados por eles, expressos e re-significados, mas as necessidades não podem ser resolvidas com as respostas prontas. Na rede das comunidades juvenis, desde aquelas mais tradicionais até as mais desafiadoras, é preciso saber reinterpretar a história que elas estão escrevendo. Isto requer uma ação personalizada, diálogo, paciência.¹²

5) *A serviço da vida.* As ameaças que sofrem nossos jovens são tantas que uma lista jamais poderá elencar todas. Os sinais de morte estão impregnados em todas as camadas juvenis, embora o medo de morrer já perdesse até o sentido, pois, em muitas expressões juvenis, a morte é o resultado das opções; o medo de estar desconectado não é mais um problema, porque em cada esquina eles encontram as mídias que possibilitam a entrada no mundo globalizado. São pequenas *igrejas*, frequentadas por eles, com deuses próprios e ritos diversificados; o medo de sobrar já se tornou um estigma, tanto é assim que as drogas para o consumo e para a venda, os roubos, as violências domésticas, já não amedrontam porque a corrupção tomou conta, inclusive da justiça.

Portanto, o serviço à vida, na pastoral das juventudes, precisa entender as perguntas de base que as diferenças juvenis estão se fazendo. Eles *zoam e ficam* com a mesma naturalidade



com a qual nós planejamos nossas atividades pastorais, a diferença é que eles não esperam por nós, porque são velozes como o cavalo.

Concordo plenamente com Bento XVI quando diz na *Deus Caritas Est: Toda a atividade da Igreja é a manifestação de um amor que procura o bem integral do ser humano* (n. 19). Nisto, Dom Bosco foi e continua sendo nosso mestre mais precioso. Ele queria o bem dos jovens *Da Mihi Animas, Cetera Tolle*.¹³ Toda sua ação pastoral consistia em entender os desejos mais profundos que os jovens traziam. Desde aquelas expressões religiosas mais simples até a necessidade de um pedaço de pão partilhado, de um diálogo olho no olho, de um encontro que marcava a vida, da confiança que amadurecia, da liberdade de ir e vir da casa salesiana, sem medos, sem protecionismos, sem explorações, sem malícias, sem abusos, sem comércio, *Cetera Tolle*.

2. IDE PELO MUNDO

O ressuscitado enviou os discípulos em missão. Esta consciência, de ter nascida missionária (Mc 16,15),¹⁴ sempre existiu na Igreja, mesmo nos momentos mais difíceis e de maiores conflitos internos e externos. Contudo, hoje, na atual conjuntura de *mudança de época*,¹⁵ esta realidade despertou o desejo da *urgência*, pois o tempo urge e estamos desnorteados. Parece que acordamos de um sono profundo; completamente dominados pelo vazio de uma época que passa rápido demais e nos atropela, deixando para trás perdas imensas. Agora, faz-se urgente *agir com firmeza e rapidez*,¹⁶ para recuperar o tempo de sonolência que nos dominou e atravancou a ação missionária.

Acordamos convencidos de que os tempos exigem mudança de mentalidade, de práticas e de estruturas, pois apenas conservamos modelos, linguagens e normas que na atualidade não chegam a tocar as pessoas em profundidade.¹⁷ É urgente, portanto, uma *auto-avaliação* que tire o peso de uma preocupação exagerada consigo mesma, sem negar, é claro, o que já foi feito, para redescobrir o testemunho pessoal e comunitário, como elementos importantes do anúncio do Evangelho,¹⁸ rompendo assim, com a aguda onda individualista, hedonista e consumista, que ofuscam a imagem de Deus ou, na pior das hipóteses, colocam a pergunta negativa sobre a existência dele.¹⁹

Mais do que nunca, os tempos exigem a necessidade do encontro com as pessoas no *mundo* aonde elas vivem, não naquele que nós gostaríamos que elas estivessem, para ali instaurar um diálogo, escutá-las sem inferir e impor verdades, para saber partilhar o pão da vida que é Jesus Cristo, Palavra que sacia a sede e a fome para preencher o tremendo vazio de sentido, o niilismo, no qual estamos imersos. Contudo, perguntemo-nos sobre este mundo das pessoas, sobretudo dos jovens: Como ele se caracteriza? Trata-se de uma realidade complexa recheada de desejos e necessidades; desejos que precisamos, antes de tudo, entender para saber discernir e, necessidades legítimas que precisamos atender. Considero esta complexidade com as seguintes características:



- 1) Busca de oportunidades
- 2) Curiosidade movida pela novidade
- 3) Ritmo, música, dança, moda
- 4) Virtualidade que gera presença
- 5) Aventuras que questiona a fidelidade
- 6) Desencanto social e político
- 7) Ânsia de sucesso
- 8) Apelo emocional e sentimental

A nós, educadores, missionários dos jovens, não nos cabe resolver isoladamente essas questões existenciais dos jovens, mas proporcionar um *encontro com o ressuscitado* que preencha o vazio interior que se torne seguimento; na verdade, uma grande ação mistagógica que os conduza ao mistério de Deus.²⁰

O papa Bento XVI, no 2º volume de sua obra *Jesus de Nazaré*, afirma que este encontro com o ressuscitado foi *um acontecimento de um poder impressionante*, capaz de gerar nos primeiros cristãos, a *renúncia ao sábado e a sua substituição pelo primeiro dia da semana*, o domingo.²¹ Este acontecimento deu forma à Igreja nascente. Certamente, hoje, ao sair do túmulo da nossa inércia, este testemunho será capaz de produzir o impacto que mexeu com os primeiros discípulos missionários porque Jesus é o vivente ontem, hoje e sempre, fonte de vida, verdadeiramente reconhecível em nossas narrações de fé. Não foi à toa que Jesus disse que somos o sal da terra, ou seja, aquele que não deixa putreficar, pois nos coloca numa ligação interior com Ele. Esta experiência histórica de ontem e de hoje é que nos arranca da mesmice e favorece a consciência missionária.²²

Contudo, é imprescindível uma corajosa e rápida ação missionária que toque em profundidade a vida das pessoas, sobretudo dos jovens, que não seja um verniz, mas penetre na profundidade da vida, fecunde e produza frutos. Então, temos que fazer uma opção por um estilo de evangelização que comece pelo anúncio do ressuscitado e produza um encontro histórico que perpassa a vida do ouvinte da Palavra e o transforme em narrador da fé.²³ Neste sentido, a *iniciação cristã* é um processo que supera a adesão a uma idéia e fascina o discípulo no ver, ouvir e tocar o mestre que vem ao encontro ainda hoje.

Trata-se, pois, de uma ação permanente, profundamente radicada na Palavra de Deus *como lugar privilegiado do encontro com Jesus Cristo*.²⁴ Palavra que as pessoas têm sede e fome, embora, não o saibam com clareza. Recordo aqui a expressão usada pelo bem-aventurado



João Paulo II quando esteve na Nicarágua. Diante de uma multidão que sofria todo tipo de opressão ele avistou uma faixa que escapara da censura, que dizia: *Santo padre, o povo passa fome!* Diante daquele grito, o papa deixou o discurso preparado e exclamou com voz forte: *Santo Deus, o povo passa fome!* Era o papa horrorizado com aquela linguagem da massa nicaraguense faminta e oprimida. Ele tornou universal um fato particular. Contudo, o papa acrescentou: *Esta fome de pão deve acabar, mas a fome de Deus, não.* A mesma massa de gente, que acorrera ao estádio para ver e ouvir o papa, estava faminta do pão cotidiano, mas também do pão que é o Ressuscitado, aquele que verdadeiramente liberta e acaba com a fome de opressão, da cegueira, da violência; enfim, da morte. Hoje, *o mundo tem sede desta Palavra. Nosso tempo carece verdadeiramente da Palavra de Deus, deixar-se apaixonar por ela e, com ela, caminhar pelas sendas do Reino.*²⁵

Trata-se, também, da fome da vida em comunidade, pois o individualismo torna cada vez mais difícil a necessidade da partilha. A experiência da comunidade cristã que *acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta.*²⁶ Sem ela a pessoa permanece solta, sem rumo e sem chão, fechada em seu mundo de solidão e incertezas. É urgente proporcionar formas diversas de comunidades aos jovens e ao povo em geral, para romper com o espírito de competição, desigualdades e apatia que fortalece mais ainda a cultura da morte. Ao contrário, a promoção da vida é um testemunho urgente que brota daqueles que acreditam no Ressuscitado, pois ele não é um fantasma, como enfatiza bem Bento XVI na sua recente obra, ou a criação da imaginação de um grupo de homens e mulheres amedrontados, mas o vivente que transforma a história e faz dela sua habitação permanente.²⁷ A Igreja é assim uma samaritana que convoca, agrega e conduz às águas tranqüilas.²⁸

Certamente, a missionariedade produzirá em todos nós uma nova espiritualidade, como bem queria São Cirilo de Jerusalém no século IV. Não um testemunho eloquente fundamentado em conceitos rebuscados, mas uma vida convincente, que por si mesma, se faz anúncio, diálogo, serviço, testemunha de comunhão.²⁹ O próprio discípulo missionário é o texto, o carteiro de Deus, capaz de manifestar a experiência interior do encontro com Jesus. A Palavra lida, meditada e internalizada é capaz de produzir um texto no emaranhado de linguagens e ruídos que dificultam ouvir a voz do Ressuscitado que partilha conosco as Escrituras e parte o pão da vida, fazendo-nos narradores da fé e não meros ouvintes.

3. A COMUNIDADE NO PLANO DE EVANGELIZAÇÃO DA IGREJA DE MANAUS

Gostaria de insistir numa idéia fundamental do *Plano de Evangelização da Arquidiocese de Manaus* (PEAM), em plena sintonia com as *Diretrizes da CNBB: Vivemos numa complexidade social, uma teia de aranha tanto na realidade urbana, quanto periférica e interiorana.*³⁰



Segundo o teólogo José Lisboa, o contexto atual nos revela desafios a Evangelização agrupada em cinco cenários: 1) Cultural; 2) Antropológico; 3) Eclesial; 4) Espiritual; 5) Teológico.³¹ Quando o PEAM detectou que ser Igreja na Arquidiocese é, antes de tudo, compreender-se dentro do contexto URBANO – a cidade com seus atrativos e suas novas catedrais do consumo – da PERIFERIA – encaixada entre o Urbano e a zona rural com modelos de desenvolvimento em rápido processo de cidade – e do INTERIOR – com a organização social marcada pela distância do centro urbano, pela ausência de atrativos de consumo e pelo preconceito de ser menos, foi uma sacada importante porque nos colocou dentro do desafio cultural e eclesial, destacados por José Lisboa. Por desafio cultural entendemos,

‘Uma barbárie da cultura’, uma vez que as pessoas vivem uma vida medíocre, uma ‘subjetividade de massa’, que as impede de abrir-se de verdade a realidade [...] o lema é o seguinte: ‘Nem pensar, nem transformar. Viver o presente na sua cotidianidade banal. A ordem do dia é o individualismo, o subjetivismo, o relativismo, o imediatismo, o consumismo, a provisoriedade [...] liquidez, migração’.³²

O desafio eclesial se manifesta como,

Modelo **Institucional**, no qual o Direito Canônico está acima da Bíblia; **Carismático**, onde prevalece a emoção, a histeria, o exótico e o brilhantismo das vestes eclesiais; **Mediático** onde estão os padres *pop star*, freiras também, disputando para ver quem aparece mais e quem é o campeão de besteiro; **Libertadora** em processo de extinção, inclusive com o enterro das CEBs.³³

Ora, diante deste quadro complexo e desafiador, cabe a nós, agentes leigos, religiosos, presbíteros e bispos, nos perguntar sobre o modelo de comunidade eclesial que sonhamos. No PEAM temos a seguinte descrição de cenário: uma Igreja acolhedora e includente, uma Igreja misericordiosa e samaritana, uma Igreja anunciadora, uma Igreja animada pelo Espírito Santo, uma Igreja ministerial, uma Igreja aberta à pluralidade, uma Igreja articulada em rede de comunidades, uma Igreja que celebra com alegria, uma Igreja amiga da criação, uma Igreja defensora da vida.³⁴ Considerando que na soma de tudo podemos destacar um cenário apenas, é possível nos questionar sobre o seguinte:

Para refletir: Quando sonhamos como uma Igreja acolhedora, misericordiosa, samaritana e anunciadora etc., o que de fato queremos ou fazemos para que ela seja assim?

Ser acolhedora não quer dizer apenas organizar a pastoral da acolhida com membros bem organizados na porta das capelas para receber com um *sorriso o Povo de Deus*. Quando dizemos que a Igreja precisa ser misericordiosa e samaritana não significa que agora vamos aceitar todo tipo de situação imoral ou desonesta porque temos que incluir a todos. Quando dizemos que ela deve ser anunciadora não queremos apenas que seja mediática. Ser uma Igreja do Espírito é reconhecer os carismas e os ministérios à luz da estrutura primitiva.



Então, que tipo de Igreja nós temos que ser? A imagem é aquela do povo diante do *mar vermelho* que assusta. É o mundo da pós-modernidade avassalador que nos desnor-teia, como dizem os bispos nas *Diretrizes*. É um mar que esconde perigos, mas na outra margem está a cidade do leite e do mel, a nova Jerusalém. Entretanto, atrás de nós está o *Faraó com seu exército* furioso e cheio de desejo de vingança que simboliza o Egito, o lugar estreito da escravidão e da morte. Por outro lado, estamos na caminhada do deserto, o lugar da solidão, da secura, da fome, do cansaço, da tristeza, do consumismo, do hedonismo e da tentação do demônio (Ex 15,1-22; 18,27). A este respeito, Bento XVI dizia numa mensagem que nossa tarefa hoje é tirar o ser humano do deserto da indiferença, da violência, do relativismo, da fome. O que fazer? *Como formar a Igreja hoje?*³⁵

No livro de Nilton Bonder, *Alma Imoral*, o Egito é a imagem do lugar estreito, o lugar da mediocridade e mesmice, no qual nada ou pouca coisa muda, no sentido judaico é a expressão do corpo, porque o corpo tem dificuldade de aceitar a mudança, enquanto a alma é transgressora, livre. Aqui imaginamos o nosso desejo e empenho de gerar uma comunidade eclesial de acordo com os tempos de hoje, como o momento do encontro dos interesses entre o corpo e a alma, simbolizada na saída dos hebreus do Egito. O Egito foi bom, mas agora não é mais. Foi o lugar onde o povo foi gerado, mas agora ele saiu e não pode voltar àquela estreiteza. É o mesmo que disse Jesus a Nicodemos: É preciso nascer de novo, ou seja, não voltar ao útero materno, mas nascer de novo, quer dizer, avançar.

Bonder descreve, então, a seguinte situação: Diante do mar e da perseguição do Faraó o povo formou quatro acampamentos:³⁶

| ACAMPAMENTO | ATTITUDES |
|---------------------------------------|--|
| 1) Voltar ao Egito | Reconhecer que o lugar estreito tem poder de atração. Sair foi uma ilusão, um erro terrível. São os covardes. |
| 2) Lutar contra o Faraó | É o desejo de poder tornar o lugar estreito um domínio próprio. Desafiar o poder para substituí-lo. São os eternos caçadores de poder. |
| 3) Jogar-se ao mar e cometer suicídio | É a atitude de desespero. Entrega-se tudo porque não há coragem de enfrentar o diferente e o que ameaça. Não se sabe mais o que é correto. Surge, então, a resignação. |
| 4) Mobilização em oração | Orar na espera do fim é a solução de quem reproduz o lugar estreito. Acomoda-se à realidade sem coragem de transformar. É a típica alienação. |

Acampar é uma atitude radical que revela o *empacar*. Quem acampa relaxa e tem a tentação de não sair mais do lugar estreito. É o que lemos em 1Reis 19,9a.11-13a, sobre Elias escondido na montanha, dentro de um buraco e Deus que passa na brisa. Para Elias seria mais fácil acampar, fugir, relaxar, desistir, cometer suicídio. Contudo, Deus o arrancou do lugar estreito e o colocou a caminho. Não mudar de mentalidade e querer por força



permanecer em modelos eclesiais estreitos diante das demandas da missão, num mundo em mudança é acampar.

Para refletir: Quais seriam os lugares estreitos que ainda nos seduzem como comunidade?

Como nem uma das quatro atitudes é modelo de avanço, qual seria então a saída? Bonder nos diz que do meio daquele acampamento saiu um homem corajoso que se colocou em marcha. Entrou no mar e foi andando sem olhar para trás. De repente ficou sem chão e o mar se abriu. O futuro nos convoca a marchar. A alma nos levará por meio das águas para outra margem. Enquanto tivermos chão para pisar, ligados ao lugar estreito, nunca sairemos do acampamento. Esta confiança em si é o que nos garante a passagem pelo vazio. Neste sentido, Leonardo Boff nos diz que há *um vazio imenso na pós-modernidade; este vazio é do tamanho de Deus e somente Deus poderá preenchê-lo.*³⁷ Na outra margem, longe do lugar estreito, assim como depois do nascimento, o corpo humano não consegue voltar, *o passado se faz novo presente e o futuro uma conquista.*³⁸

Agora, é importante considerar que nossa vida é sempre a saída de um lugar estreito. A estreiteza é uma condição de vida. O Édem ficou estreito para Adão e Eva, a Babilônia ficou estreita para o Povo de Israel, A Galiléia ficou estreita para Jesus, Jerusalém ficou estreita para os primeiros cristãos, o túmulo ficou estreito para o Messias, somente a ressurreição tornou possível a outra margem que, como bem diz Bento XVI na sua recente obra sobre Jesus de Nazaré:

só um acontecimento de um poder impressionante podia provocar a renúncia ao sábado e a sua substituição pelo primeiro dia da semana. Só um acontecimento que se tivesse imprimido nas almas com força sobre-humana podia suscitar uma mudança tão central na cultura religiosa da semana.³⁹

Para refletir: Seria a *conversão pastoral* uma marca importante para a nossa marcha para a outra margem? Em que consiste esta mudança?

CONCLUSÃO

A Ressurreição de Jesus Cristo é a outra margem que nunca fica estreita. Nela, ele *aparece, fala e senta-se à mesa* em nossas comunidades.⁴⁰ Não é por mero trocadilho que Jesus disse aos discípulos: *Vocês são o sal da terra. Ser sal é a garantia da durabilidade, de não deixar apodrecer. É remédio contra a putrefação, contra a corrupção, que faz parte da natureza da morte. Todo tomar alimento é um combate contra a morte: um modo de conservar a vida.*⁴¹

Jesus, *sal da terra*, se dá como alimento e, assim, nos faz participar da sua vida. Por fim, uma comunidade cristã não pode ser insossa, medíocre, fechada num lugar estreito com medo de marchar, mas confiante, desafiando o mar porque sabe que na outra margem ele



está com a fogueira acesa, o pão e o peixe na grelha para saciar nossa fome. Somente a fome de Deus nos leva a marchar.

Ser comunidade nos cenários que temos hoje é um partir realmente do ressuscitado, que não é um fantasma, mas o Senhor presente dentro da história que, *todavia, rompe o âmbito da história e a ultrapassada*.⁴² A comunidade cristã, escola de comunhão e missão, se realiza na história, mas a ultrapassa porque é o Corpo do ressuscitado. É uma comunidade em marcha, missionária, que segue a voz do Senhor, portanto discípula. Negar isto ou viver como se isto fosse uma lenda é querer voltar ao lugar estreito da morte, das cebolas, das chicotadas e da escravidão.

Agrego aqui um canto que embalou nossa reflexão no seminário em Manaus:

Levanta missionário/levanta missionário, vai levar a boa-nova (bis) Vamos plantar o amor, que a vida se renova (bis). Põe o pé na estrada, ergue as mãos pro céu (bis) caminhamos juntos, pois o amor de Deus é fiel (bis). Eu vou, eu vou, eu vou, quem vai, quem vai, quem vai? (bis). Na barca de Jesus, construindo o Reino de Deus (bis) ou construindo um mundo de paz (bis).

Apresento também o resultado do rico plenário que tivemos com as considerações mais relevantes:

1) O que queremos ou já fazemos?

- Falta sonhar – há sinais de desespero – uma mentalidade estreita.
- Investir na pastoral de conjunto e círculos bíblicos- marchar.
- Há resistências nas mudanças – fruto de uma mentalidade estreita.
- Saber cuidar dos cuidadores, acompanhamento dos agentes do batismo – marchar.
- Descentralização, maior participação– marchar.
- Muitos estão acampados em muitos aspectos e marcados por ideologias- mentalidade estreita.
- Conversão pessoal – marcha.
- Precisamos crescer no processo de transformação – desarmando acampamentos, partilhar mais as experiências transformadoras – marchar.

2) Quais seriam os lugares estreitos que ainda nos seduzem?

- A busca do poder – mentalidade estreita.
- Saber confiar no outro – alteridade – formação de discípulos – marchar.
- Superar o ritualismo sem alma – mentalidade estreita.
- Dificuldade de sair de si – individualismo – mentalidade estreita.

3) A conversão pastoral é importante? Em que consiste?



- Para todos os grupos é um apelo fundamental. Exige uma *metanoia*. Seria até interessante voltar a descobrir a vida dos santos como gancho para evangelizar porque eles e elas foram pessoas de profunda conversão e seguimento de Jesus Cristo (Bento XVI).
- Auto-avaliação – marcha
- Clareza sobre: O que é a Igreja? Parece que não sabemos mais o que somos – identidade.
- Faltam experiências de rico significado.
- Internalizar valores – compreender e agir a partir do conhecimento assimilado – marcha.
- Interagir de forma sinérgica na diversidade dos carismas, dons, serviços – as diferenças não nos empobrecem, mas enriquecem.

BIBLIOGRAFIA

BONDER, Nilton. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CNBB. *Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 13 a 31 de maio de 2007. São Paulo: Paulus, 2007.

BENTO XVI. *Jesus de Nazaré, da entrada de Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 12.

XIII Assembléia do Sínodo dos Bispos. *A nova evangelização para a transformação da fé*. 1. ed. Lineamenta: CNBB, 2011.

Igreja de Manaus, Tua vida é missão, *Plano de Evangelização da Arquidiocese de Manaus*, 2010-2014.

MOREIRA DE OLIVEIRA, José Lisboa. Desafios atuais para a formação eclesial. In: *Revista REB*, fasc. 282, abril, 2011.

NOTAS

* Padre João da Silva Mendonça Filho é salesiano de Dom Bosco. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Lorena - SP, bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Xaveriana de Bogotá/Colômbia, mestre em educação com especialização em pedagogia para a formação religiosa e presbiteral pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma/Itália. Autor de vários livros e artigos para revistas, pároco, palestrante e pregador de retiro espiritual.

¹ BONDER, Nilton. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

² CNBB, *Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2011.



³ CELAM, *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 13 a 31 de maio de 2007. São Paulo: Paulus, 2007, n. 44.

⁴ CNBB, *Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil*, São Paulo: Paulinas, 2011, apresentação.

⁵ *Ibid.*, n. 3.

⁶ CELAM, *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 13 a 31 de maio de 2007. São Paulo: Paulus, 2007, n. 44.

⁷ CNBB, *Diretrizes*, n. 112.

⁸ *Ibid.*, n. 127.

⁹ *Ibid.*, n. 16.

¹⁰ *Ibid.*, n. 89.

¹¹ *Ibid.*, n. 88.

¹² *Ibid.*, n. 87.

¹³ O lema presbiteral assumido por Dom Bosco no dia de sua ordenação foi *Da Mihi Animas, Cetera Tolle*, quer dizer, Dá-me as almas e fica com o resto.

¹⁴ *Ibid.*, n. 30.

¹⁵ *Ibid.*, n. 19. Documento de Aparecida, n. 44.

¹⁶ *Ibid.*, n. 34.

¹⁷ *Ibid.*, n. 25-28.

¹⁸ CNBB, *Diretrizes*, n. 42

¹⁹ *Ibid.*, n. 15.31-32; Documento de Aparecida, n. 548.

²⁰ *Ibid.*, n. 32.41.

²¹ BENTO XVI. *Jesus de Nazaré, da entrada de Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011, p. 232.

²² *Ibid.*, p. 242.

²³ CNBB, *Diretrizes*, n. 37.

²⁴ *Ibid.*, n. 45.

²⁵ *Ibid.*, n. 48.

²⁶ *Ibid.*, n. 56.

²⁷ *Ibid.*, n. 68.

²⁸ *Ibid.*, n. 72.

²⁹ *Ibid.*, n. 134.

³⁰ Igreja de Manaus, *Tua vida é missão, Plano de Evangelização da Arquidiocese de Manaus, 2010-2014*, n. 1.

³¹ MOREIRA DE OLIVEIRA, José Lisboa. Desafios atuais para a formação eclesial. In: *Revista REB*, fasc. 282, abril, 2011, p. 294-297. Nestes cenários, ou além deles, podemos ainda destacar: sociais, econômicos, políticos, investigação científica (cf. XIII Assembléia do Sínodo dos Bispos. *A nova evangelização para a transformação da fé*. 1. ed. Lineamenta: CNBB, 2011, p. 35).



³² Ibid., p. 294. Lineamenta, p. 38.

³³ Ibid., p. 297. Esta situação pode gerar *perplexidade e medo* (cf. Lineamenta, p. 43).

³⁴ Igreja de Manaus, Tua vida é missão, *Plano de Evangelização da Arquidiocese de Manaus*, 2010-2014, n. 24-30.

³⁵ Lineamenta, p. 47.

³⁶ BONDER, Nilton. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 48-50.

³⁷ BOFF, Leonardo. *Espiritualidade um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 12.

³⁸ Ibid., p. 50.

³⁹ BENTO XVI. *Jesus de Nazaré, Da entrada de Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011, p. 232.

⁴⁰ Ibid., p. 242.

⁴¹ Ibid., p. 242.

⁴² Ibid., p. 244.

Artigo enviado em 17/10/2011.
Artigo aprovado em 10/11/2011.